

A difícil tarefa de adotar

5 irmãos abandonados

11 DEZ 2001

RENATO ARAÚJO

**FILHOS DE PAIS
ALCOÓLATRAS, SEM
TER TRABALHO OU
MORADIA, ELES
FORAM RECOLHIDOS
NAS RUAS DO DF**

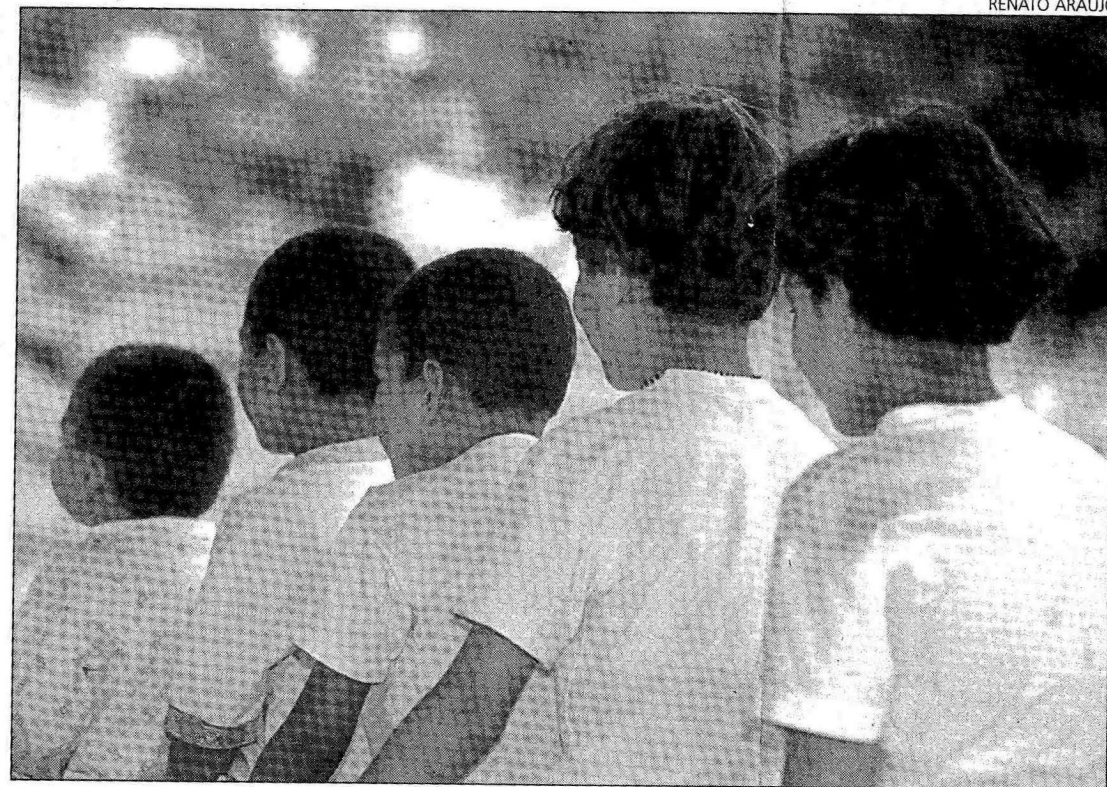
Luciene de Assis

Os irmãos "R", com idade entre 13 e nove anos, chegaram ao Centro de Abrigamento e Reencontro (Cear) depois de serem, mais uma vez, recolhidos na rua. Os pais são alcoólatras, não têm um local para morar, nem trabalho. À exceção do mais velho, de 16 anos, que mora com a avó, os cinco irmãos passam a maior parte do tempo num orfanato do Núcleo Bandeirante.

"A mãe Lourdes, lá do outro orfanato, é quem cuida da gente", explica a mais velha deles, de 13 anos (os nomes são omitidos por exigência da direção do Cear), pois a mãe biológica vive na rua. A família bem que tinha casa em Samambaia, mas o pai vendeu e todos foram para a rua.

Do Cear, os cinco irmãos deverão ser encaminhados a outro abrigo, já que o antigo CRT é apenas um ponto de triagem das crianças e adolescentes encaminhados para lá. Mas essa característica pode ser modificada em breve. Maria Salvadora espera conseguir implantar o sistema de casas-lares até março do ano que vem.

Por enquanto, as meninas



ABRIGADAS no Cear, os cinco irmãos têm poucas chances de ganhar uma nova família

e meninos ficam ali até seguirem para outros lugares ou serem levados pelos pais, quando eles aparecem. Muitos só procuram o Cear para visitar os filhos, deixando-os aos cuidados da instituição.

"Geralmente os pais aparecem no Cear para visitar e pegar os filhos, mas nem sempre isso resolve o problema", lembra Ivanei Carlos Silveira, assessor da direção do Cear.

A diretora da instituição, Maria Salvadora Lacerda Melo, acredita que o caminho para evitar os traumas gerados pelo abandono e pelos maus-tratos é preciso investir na estruturação fami-

liar. "Isso é o básico para impedir que fiquem nas ruas," aconselha.

O problema é que, na maioria das vezes, a mãe e o pai não têm qualquer preparo profissional. E quando a situação pode ser resolvida com cursos profissionalizantes e emprego, o sistema providencia para que a família volte a se reunir, tirando as crianças do abrigo.

No caso desses cinco irmãos, a chance de serem adotados é praticamente nula. O abandono e o alcoolismo dos pais podem não ser suficientes para a destituição do pátrio poder. Além do

mais, quem adotaria um grupo de cinco irmãos, todos maiores de dois anos?

Encontrar quem leve dois já é difícil, imagine cinco. No Lar Padre Cícero, em Taguatinga, vivem vários grupos de irmãos, que devem permanecer na instituição até a maioridade e a independência financeira.

É assim também em todos os outros abrigos. Na Casa do Caminho há outros grupos de irmãos com chance mínima de serem adotados, reconhece o presidente do orfanato, Ciro Heleno Silvano. Na Casa vive um grupo de cinco irmãos e pergunta: "Quem vai adotá-los todos juntos?" E a resposta, diz ele, deve partir do coração.

